

Educação musical, deficiência intelectual e a questão da aprendizagem

Comunicação

*Vitória Talyta Souza Damasceno
Universidade Federal do Pará
vitoriatalydamasceno@gmail.com*

Resumo: O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de conclusão do curso de licenciatura plena em Música, na qual pretendia-se pesquisar acerca da aprendizagem musical de estudantes com deficiência intelectual, através de uma pesquisa-ação. Porém este trabalho trata-se de uma investigação bibliográfica que subsidiou a pesquisa em campo, e contém informações teóricas fundamentais acerca do assunto. Surge então, o questionamento: como a educação musical contribui para o desenvolvimento cognitivo, a partir de conhecimentos acerca da aprendizagem? Tendo em vista o que foi exposto, o objetivo geral deste trabalho é investigar a contribuição da educação musical para o desenvolvimento cognitivo em relação a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual. E possui os desdobramentos para entender a deficiência intelectual e relacionar com a prática da educação musical e apresentar teorias da aprendizagem da educação geral e musical. Diante das informações e conhecimentos sobre a deficiência intelectual e aprendizagem expostas, é possível relacionar a educação musical com as contribuições para a linguagem, fala, desenvolvimento motor e cognitivo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Educação Musical. Deficiência intelectual.

Introdução

O presente trabalho trata-se de um recorte da pesquisa de conclusão do curso de licenciatura plena em Música, na qual pretendia-se pesquisar acerca da aprendizagem musical de estudantes com deficiência intelectual, através de uma pesquisa-ação. Porém este trabalho trata-se de uma investigação bibliográfica que subsidiou a pesquisa em campo, e contém informações teóricas fundamentais acerca do assunto.

A música e seu ensino perpassam por diversas áreas de conhecimento, como na matemática, no qual se encontram relações na proporção dos intervalos (tom e semitom), na distância dos furos no instrumento, bem como no comprimento das cordas (ABDOUNUR,

2015); neurocientistas e psicólogos também investigam os fenômenos musicais no cérebro humano (ILARI, 2010).

Da mesma forma e relação, as investigações sobre a deficiência e seus desdobramentos nas áreas da saúde e educação têm sido crescentes. Para entender como ocorre a aprendizagem de pessoas com deficiência cognitiva, vários pesquisadores se debruçam sobre os mistérios do cérebro humano. A educação musical não se isenta dessa investigação. Perante os estudos bibliográficos sobre música e Deficiência Intelectual (DI), encontrados com a temática inclusão voltada à educação musical em ambientes educacionais especiais.

Raby (2015) com o objetivo de investigar a aprendizagem da apreciação musical em crianças com DI, através de uma pesquisa-ação, aponta as possibilidades de atividades de apreciação e percepção musical, e que a realização das tarefas demonstra compreensão do processo e indícios de apropriação dos conhecimentos a que foram expostos.

Louro (2012; 2015) aponta que no campo de música, inclusão e acessibilidades ao ensino da música e suas propostas metodológicas abordam os desafios da educação especial com reflexões histórico-educacionais de como a pessoa com deficiência se encontrava e se encontra hoje no decorrer dos tempos, e que apoiam e abordam as áreas da educação, inclusão, psicomotricidade, psicopedagogia musical, dentre outras áreas afins.

O tema aprendizagem e deficiência tem sua relevância ao esclarecer à sociedade alguns estereótipos e barreiras que são postas equivocadamente por não conhecer a condição da pessoa com deficiência, assim trazendo a luz as possibilidades de trabalho e desenvolvimento com este público.

Também apresenta a importância do ensino da música aliado a acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência para a comunidade de educadores musicais, por descrever a respeito da aprendizagem, como também suas afinidades pelo fazer musical e suas dificuldades, as metodologias de educação musical utilizada para as pessoas com necessidades especiais de aprendizagem

Surge, então, o questionamento: como a educação musical contribui para o desenvolvimento cognitivo, a partir de conhecimentos acerca da aprendizagem?

Tendo em vista o que foi exposto, o objetivo geral deste trabalho é investigar a contribuição da educação musical para o desenvolvimento cognitivo, em relação a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual. E possui os desdobramentos para entender a deficiência intelectual e relacionar com a prática da educação musical e apresentar teorias da aprendizagem da educação geral e musical.

Entendendo a deficiência intelectual

Há muito se pesquisa sobre as dificuldades de aprendizagem e atraso no desenvolvimento humano, a nomenclatura constantemente se altera por carregar em si estereótipos e preconceitos. No entanto, o termo mais utilizado atualmente varia entre Deficiência Intelectual e Deficiência Cognitiva. Essa condição pode ser definida como um estado de desenvolvimento abaixo do esperado em pessoas da mesma faixa etária, porém não se constitui uma doença, “mas uma condição que se apresenta desde o nascimento ou durante os primeiros anos de vida” (SILVA, 1975, p. 64). Este conceito é bastante amplo, portanto, varia individualmente o grau ou nível de dificuldades e atrasos apresentados.

O primeiro contato que o indivíduo possui com a educação e desenvolvimento cognitivo, afetivo e social é na família. Em um contexto informal, ela é “a unidade básica de crescimento do ser humano e sua primeira matriz de aprendizagem” (VOIVODIC, 2013, p. 48). Dessa forma, o lar possui grande impacto na formação de qualquer pessoa, e se tratando da criança com Deficiência intelectual a maneira como a família reage ao diagnóstico afetando o desenvolvimento da mesma.

Ao ingressar na escola os cuidados permanecem, pois o ambiente escolar é responsável pela autonomia de aprendizagem, o aprender a aprender, não unicamente isso, mas também proporciona uma convivência social que auxilia no aprendizado (VOIVODIC, 2013). Os estímulos sociais em uma convivência saudável com os colegas da escola oferecem um ambiente prazeroso e propício para o estudo, favorecendo a quebra de barreiras de preconceitos e estereótipos.

As dificuldades que podem ser encontradas no ambiente escolar de caráter simbólico ou verbal são: habilidade com números, leitura e escrita. E as de caráter não simbólico ou não verbal são: desenho, pintura e orientação espacial (FONSECA, 2015).

Essas dificuldades de aprendizagem possuem relação com o processamento de informação, que segundo Fonseca (2015), é uma interação entre o sujeito aprendente – termo utilizado pela autora - e a tarefa, ou seja, ler ou escrever, e isso ocorre independente da condição ou faixa etária do indivíduo.

A respeito do ensino da música direcionada às pessoas com comprometimento intelectual, estas devem ser adequadas e coerentes com a necessidade de cada aprendiz, a fim de superar as dificuldades, valorizando as capacidades pessoais.

Louro (2012) tem contribuído com literatura e atividades diversas voltadas ao atendimento e atenção a pessoa com necessidades especiais de aprendizagem e aos elementos que constituem a música, trabalhando a memória através da atenção e retenção de conhecimento, todas as estimulações aliadas a exercícios musicais. A autora afirma que o professor deve perceber as habilidades cognitivas necessárias para apreensão de determinados conteúdos musicais, de forma que se construam degraus de aprendizagem, ampliando o potencial intelectual do estudante, através de desafios para desenvolver elementos importantes, como Abstração, Generalização e Conceito.

Louro (2012) define estes termos, em suma, como, Abstração: recurso imaginário construído sem necessidade de um recurso material ou físico; Conceito: saber a serventia de tal objeto; Generalização: aplicar o mesmo conceito aos objetos com características diferentes. As vivências que o educador proporciona ao estudante são responsáveis por construir estas etapas de aprendizado, os conteúdos musicais, posterior ou concomitantemente trabalhados, precisam estar vinculados a estas experiências. A autora exemplifica atividades de sequenciamento de medidas e formas antes de abordar a sequência de notas musicais, construindo uma lógica de aprendizado que facilitará o processo, respeitando as etapas de construção cognitivas.

Podemos nos apoiar também em Pimentel (2012, p. 84) ao afirmar que “a formação conceitual pressupõe a ação mental do educando, não se tratando de algo que pode acontecer

de modo passivo frente ao mundo, apenas por recepção”. Por conseguinte, as ideias de movimentos e gestos nas atividades musicais, propostas por vários pedagogos, como Orff, Dalcroze possuem fundamentos psicológicos produtivos para o estudante com DI.

Deste modo, Louro (2012, p. 134) aponta que “é muito melhor tentar colocar-se no lugar de cada pessoa e procurar deduzir porque ela age de determinada maneira. Agindo assim, passaremos a respeitar e compreender gradualmente essa lógica diferente da nossa”. O professor precisa estar atento aos estudantes, pois ainda que estes apresentem o mesmo comprometimento, se constituem de indivíduos únicos. Esta observação do educador, na reação de seus alunos frente as atividades e desafios propostos, farão total diferença nos resultados do processo de aprendizagem, pois permite o professor saber quais os passos futuros devem ser dados.

Teorias da aprendizagem

Os assuntos relacionados a música e ao atraso cognitivo, lança luz para o processo de aprendizagem, onde se entende por cognição, do latim *cogitare*, a relação direta entre as atividades conceituais do cérebro humano e suas formulações verbais. (ILARI, 2010). Para responder os questionamentos existentes acerca do aprendizado, foram formuladas diversas teorias do desenvolvimento da aprendizagem, tais quais são: teoria piagetiana, teoria do reforço, Gestalt, teoria do processamento, teoria dos esquemas, teoria etológica, entre outros (ILARI org. 2006)

Dentro dessas teorias, existem as relações com a educação musical, como o Modelo Espiral, de Swanwick e Tillman, a Teoria de Serafine e a Abordagem do Sistema por Símbolos, de Gardner. Esses três princípios são descritos por Hargreaves e Zimmerman (2006), com o objetivo de investigar o aprendizado musical em suas etapas de desenvolvimento. A influência direta para formulá-los, guardando as devidas proporções, é o pensamento de Piaget.

Em função disso, será exposto apenas dois exemplos das investigações existentes, a saber os princípios da Teoria Construtivista de Jean Piaget e o Modelo Espiral de Keith Swanwick e June Tillman para exemplificar as teorias da aprendizagem musical.

Inicialmente, é necessário afirmar que o desenvolvimento cognitivo é indissociável do afetivo e social, pois durante o processo de aprendizagem surge sentimento de frustração, sucesso, decepção, esforço (FARIA, 1989, p. 7).

Jean Piaget (1896-1980) compreendeu o desenvolvimento da aprendizagem através da interação sujeito-ambiente. Segundo Faria (1989, p.8), a vida afetiva e a vida social, como formas de adaptação, apoiam-se numa assimilação contínua de situações presentes a situações anteriores, responsável pelos esquemas afetivos. Para Piaget, os esquemas são definidos como estratégias de ação generalizáveis, correspondem no comportamento às estruturas biológicas e transformam-se constantemente (PALANGANA, 2015). Portanto, através de esquemas “sobrepostos” as informações e atitudes são assimiladas e, posteriormente, acomodadas, criando novos esquemas, a partir das informações iniciais e generalizando as informações, de maneira que o ato de segurar a mamadeira se repita ao querer segurar um brinquedo, permitindo construir uma capacidade lógica.

Os termos assimilação e acomodação são abordados na teoria piagetiana para explicar o processo biológico em que se aplica o esquema inicial em outra situação. De modo que, constitui-se de um mecanismo único e complementar, de tal forma que o pensamento se organiza e se adapta à estrutura real (PALANGANA, 2015).

Piaget separou o desenvolvimento da criança e do adolescente em quatro estágios, a saber: Período Sensório-motor (0 a 2 anos); Período Pré-operatório (2 a 6 anos); Período Operatório Concreto (7 a 12 anos); Período Operacional Formal (12 aos 16 anos).

Os períodos descritos por Piaget não são estabelecidos como regra para o desenvolvimento da criança e do adolescente, sabendo que cada indivíduo tem suas influências e estimulações diferentes. Porém, é válido notar que os estágios exemplificam os níveis que a área cognitiva perpassa para alcançar habilidades específicas. Como exemplo, o recém-nascido necessita inicialmente firmar o pescoço, para em seguida sentar, e depois engatinhar e só então, andar. Da mesma forma a aprendizagem necessita de processos a serem conquistados (LOURO, 2012).

Com relação as teorias da aprendizagem musical, nos deteremos ao Modelo Espiral de Keith Swanwick e June Tillman (1986), “que resultou de uma análise feita em 745

composições recolhidas de 48 crianças britânicas, de idade variável entre 3 e 9 anos, durante um período de diversos anos” (ILARI org. 2006, p. 231). A partir das informações percebidas e coletadas, os pesquisadores relacionaram faixa etária às tendências das composições, constituindo, de início, em um modelo com três princípios: Maestria, uma resposta sensorial ao som; Imitação, representar aspectos do ambiente através da música; Jogo Imitativo, contribuição criativa na música. Acrescentou-se mais um elo ao espiral: Metacognição se refere aos pensamentos e experiências musicais das crianças. Swanwick e Tillman estabelecem um segundo princípio organizador: para cada elo, exposto acima, há descrições que ficam no interior, na parte traseira de cada um dos elos da espiral. Essas descrições se referem àquilo que os autores descrevem como fenômenos musicais proeminentes em cada um dos níveis, a saber, material, expressão, forma e valor, respectivamente (ILARI org. 2006, p. 239. Grifo dos autores).

Em um terceiro princípio organizador, os quatro níveis são descritos de duas maneiras, originando em oito modos de desenvolvimento, estruturados da esquerda para a direita, são estes: Comportamento Musical Sensorial ao Manipulativo, explorações sonoras e crescente técnica; Expressividade pessoal ao Vernáculo, da espontaneidade às atitudes sintonizadas com convenções musicais; Composição Especulativa à Idiomática, experimentar as convenções a um estilo musical coerente; Expressão Simbólica à Sistemática, sensação de autoconsciência a princípios estilísticos musicais.

O Modelo Espiral trata-se de uma pesquisa com o objetivo de entender o processo cognitivo musical. Como observa Hargreaves e Zimmerman (2006, p. 241, grifo do autor) “o que Swanwick e Tillman apresentam de fato é uma análise da distribuição por idade de oito modalidades encontradas no desenvolvimento”. Apesar de se tratar de abordagem cognitiva coerente, pesquisas e testes devem ser realizados para refinar as teorias existentes e aprimorar o modelo de aprendizagem.

Conclusão

Diante das informações e conhecimentos sobre a deficiência intelectual e aprendizagem expostas anteriormente, é possível enxergar as contribuições da educação

musical para o desenvolvimento do indivíduo. Sabendo que a matéria-prima da música é o som e esse se constitui de um aspecto abstrato, as atividades e jogos musicais estimulam a abstração, aspecto importante para as formulações cognitivas, que são base para aquisição de outros conhecimentos. Fazendo necessário o uso de recursos visuais que ampliam as aplicações de leitura como decodificação.

Semelhantemente, a questão da linguagem pode ser estimulada através de atividades com canções, sons percussivos com a boca explorando sonoridades e possibilidades, ampliando conexões cerebrais por meio das experiências e brincadeiras, misturando fonemas e rimas. O texto trabalhado auxilia também a memória, que por sua vez é a chave do aprendizado. Como já visto, pessoas com DI possuem dificuldade em memorizar informações, o que influencia diretamente a obtenção de conhecimento, oferecendo oportunidade para a pessoa com deficiência ser inserido na área artística. Assim como a fala pode ser trabalhada através do ensino do ritmo, com frases que explorem a rima e o ritmo.

Com relação ao aspecto motor, a utilização de instrumentos percussivos alternativos ou convencionais possibilitam a exploração tátil, resultando em um desenvolvimento integral do ser humano, mobilidade, coordenação motora fina – exemplo, movimentos de pinça ou garra – tônus muscular. Outra possibilidade são os movimentos ampliando a coordenação motora grossa, equilíbrio através de pulos, marchas conforme o andamento e caráter musical, levando em consideração os limites do estudante e possibilitando um aprendizado significativo.

Importante ressaltar que as informações de desenvolvimento cognitivo da linguagem, capacidade motora e sensorial acrescenta valor ao conteúdo musical. Portanto, a educação musical precisa ter em vistas os objetivos primordiais de musicalização, ou seja, compartilhar o conhecimento musical, mas estar atento também ao desenvolvimento integral do ser humano e como a educação musical é uma forte aliada para esse objetivo.

Referências

ABDOUNUR, Oscar João. **Matemática e Música**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2015

FARIA, Anália Rodrigues de. **O desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

FONSECA, Vitor da. **Cognição, Neuropsicologia e Aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

ILARI, Beatriz Senoi. (org.) HARGREAVES, David. ZIMMERMAN, Marilyn. **Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música- da percepção à produção**. p. 231-269. Curitiba: Ed da UFPR, 2006.

ILARI, Beatriz Senoi. ARAÚJO, Rosane Cardoso de. (org.) **Mentes em Música**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010

LOURO, Viviane. **Fundamentos da Aprendizagem Musical da pessoa com deficiência**. São Paulo: Editora Som, 2012.

LOURO, Viviane. **Música e educação**. Org. Helena Lopes da Silva e José Antônio Baêta Zille. Barbacena: EdUEMG, 2015.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vigotski [recurso eletrônico]: a relevância do social**. 6 ed. São Paulo: Summus, 2015.

PIMENTEL, Susana Couto. **Conviver com a Síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012 (Coleção Educação Inclusiva).

RABY, Melody Lynn Falco. **Apreciação musical em crianças com deficiência intelectual**. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

SILVA, Vânia Marise de Campos e. **Educação Musical especializada para deficientes mentais**. Goiânia: Oriente, 1975.

VOIVODIC, Maria Antonieta. **Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down**. 7ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.